



Areais moveis

Tive o privilégio de poder viajar por muitos desertos do mundo. O deserto (do latim desertum que significa solidão) é um silêncio absoluto, assustador. O único lugar no mundo onde você pode ouvir distintamente as batidas do seu próprio coração. "O silêncio do deserto te despe. Com isso, você se torna você mesmo; ou seja, nada. Mas um nada que escuta" (Edmond Jabès). "Falar sobre o deserto, nem que seja para primeiro silenciar, gostar dele e homenageá-lo, não nossa tagarelice, mas nosso silêncio" (Monod). O deserto é para mim a melhor forma de perder o rumo do espaço e do tempo, para redescobrir as virtudes do silêncio e da contemplação. Ali descobri lugares ao mesmo tempo ingratos e magníficos onde civilizações primitivas vivem em total osmose com o meio ambiente, numa total economia de recursos. Eles não têm nada, eles dão tudo.

O homem não pode dominar o deserto, deve permanecer humilde ali: sente-se muito pequeno ali. O deserto é um lugar que tem que ser conquistado. O espaço é infinito, sem barreiras, sem piedade. Não podemos estar em performance ou virtuosismo. O tempo para quando você viaja pelo deserto, você tem que perder tempo lá. A aspereza da natureza e sua imensidão apoderam-se do homem. Paradoxalmente, ali se exerce uma forma de confinamento: o deserto, essas extensões onde a razão se perde porque não sabe para onde fugir. O deserto de areia, o erg, é a pureza original, o mistério do vento que persegue as dunas e lhes dá as linhas mais puras. O erg é o portacanetas da grama que risca a areia com signos cabalísticos. Uma harmonia uniforme onde apenas fantasmas e vento parecem ter passado. O deserto é a liberdade absoluta, sem limites, sem barreiras, o país do desprendimento absoluto; a essência da vida. A cada passo neste oceano de dunas, nos aproximamos do autoconhecimento, aprendemos a desbravar o infinito. Paradoxalmente, nossas pegadas já desapareceram por lá.

Esta série ilustra o meu fascínio pela beleza formal dos traços na areia, das pegadas, no rio ou na duna. Tudo é frágil, efêmero, como a vida. As sumptuosas dunas evanescentes do erg casam-se com formas caprichosas, a meia-lua, a recta, a estrela, a cúpula ou a parábola, que convidam o fotógrafo a um intransigente trabalho de composição. A uma escala menor, fascinam-me os riscos e os sinais cabalísticos deixados pelo vento ou pela gravidade, mas também pelo homem, pelos animais ou pelas plantas. Um material paradoxal que é areia, ao mesmo tempo fluida e sólida, ao mesmo tempo rodopiante e pesada, ao mesmo tempo estática e dinâmica. As impressões ali registradas, pegadas ou linhas onduladas, assumem uma aparência hieroglífica: lembranças visuais das complexas viagens que ali ocorrem. A areia é o rastro da viagem.

Escolhi o preto e branco para esta série por respeito tanto ao grafismo puro das dunas ou rastros na areia, quanto à profundidade dos negros do deserto. Trabalho com uma câmera digital de foco fixo, grande angular, para mergulhar na paisagem, ou destacar um primeiro plano, sem tripé, para ganhar espontaneidade, assim como com um drone em visão vertical para abordar uma terceira dimensão.